

CARA OU COROA? Um jogo entre a teoria das ações de Certeau e a das masculinidades de Connell
- por Fernando Bagiotto Botton

CARA OU COROA? Um jogo entre a teoria das ações de Certeau e a das masculinidades de Connell

Fernando Bagiotto Botton
Graduando em História – UFPR, Bolsista PET MEC/SESU

RESUMO: Assim como num jogo de cara ou coroa, o presente artigo de tom expressamente ensaístico busca aproximar e ao mesmo tempo confrontar a teoria das ações do teórico francês Michel de Certeau com a teoria das masculinidades do pesquisador australiano Robert Connell. Através desse exercício pretendemos trazer algumas contribuições teóricas para o estudo das masculinidades nas ciências humanas.

PALAVRAS-CHAVE: ações, masculinidade, jogo.

ABSTRACT: As a flip-coin game this ensaistic article aims to approach the action theories from the french thinker Michel de Certeau with the manhood theories of the austrialian researches Robert Connell. Throught this exercise we intend to bring some theoretical contributions for the manhood studies in the human sciences.

KEY-WORDS: actions, Mannhoods, game.

“Pensei que houvesse um muro
entre o lado claro e o lado escuro.
Pensei que houvesse diferença
entre gritos e sussurros.
Mas foi um engano, foi tudo em vão,
já não há mais diferença entre a raiva e a razão

Esquerda e direita, direitos e deveres,
os três porquinhos, os três poderes,
ascensão e queda, são dois lados da mesma moeda

Tudo é igual quando se pensa
em como tudo deveria ser.
Há tantos sonhos a sonhar, há tantas vidas a viver”

(Humberto Gessinger)

Lacan tem razão: a linguagem não indica o sentido; ela está no lugar do sentido. Mas o que daí resulta não são efeitos de estrutura, são efeitos de sedução. Não uma lei que regula o jogo do significante, mas uma regra que ordena o jogo das aparências. Mas talvez tudo isso queira dizer a mesma coisa

(Jean Baudrillard)

Na introdução de seu mais recente livro Durval Muniz de Albuquerque Jr. comenta que seus ensaios “*nascem do encontro entre um historiador infante com um pensamento infame*” (ALBUQUERQUE Jr., 2009: 19), da mesma forma, o presente artigo trata de um encontro entre um historiador infante e dois pensamentos infames, porém, também infantes na historiografia brasileira. O objetivo desse ensaio é propor a aproximação teórica entre “*as artes do fazer*” de Certeau e o estudo das masculinidades, especialmente aqueles relacionados às pesquisas de Robert Connell.

Para isso utilizaremos ludicamente da analogia com o antigo jogo de “cara ou coroa”, que muito foi utilizado para solucionar disputas consideradas insolúveis onde a razão pura não alcança e somente a sorte é a mestra.

Num primeiro momento pretendemos comentar brevemente acerca das duas teorias para depois tentar aproximá-las e ao mesmo tempo confrontá-las à luz de uma possível contribuição teórica para os estudos das masculinidades.

Cara: Certeau e a teoria das ações

Iniciando nosso percurso teórico analisemos o primeiro lado da moeda, a saber, a teoria das ações de Certeau.

Observando a historiografia recente temos a possibilidade de encontrar inúmeras menções à obra de Certeau como referencial teórico, por exemplo: “*utilizamos como referenciais para a composição da tessitura do quadro teórico dos trabalhos desenvolvidos por Michel de Certeau...*” (ARAUJO, 2007: 05). Essa instrumentalização teórica está sendo largamente utilizada especialmente nos estudos histórico-culturais. Pode-se dizer que depois de quase trinta anos depois da primeira edição do livro a “*Invenção do Cotidiano*” (1994) os pesquisadores brasileiros estão (re)descobrendo as amplas possibilidades abertas

CARA OU COROA? Um jogo entre a teoria das ações de Certeau e a das masculinidades de Connell
- por Fernando Bagiotto Botton

por essa obra que já (ou ainda) pode ser considerada obra prima. Não pretendo debater aqui a pertinência ou a objetividade das apropriações dadas ao autor [se é que existe objetividade em alguma apropriação], simplesmente queremos demonstrar o frescor da novidade advinda da relativamente recente repercussão de suas teorias.

Atento aos diversos campos das ciências humanas e da teologia Certeau se debruçou sobre estudos que perpassam a filosofia, antropologia, sociologia, psicanálise, lingüística e história. Dentre suas obras podemos destacar “*A Escrita da História*” (1982) e “*A Invenção do Cotidiano (Vol 1 e 2)*” (1994). Sua empreitada principal foi esboçar uma teoria que compreendesse as ações cotidianas, as ações das pessoas comuns, da imprevisibilidade, os desvios e os acasos das ações práticas, terrenas e humanas. A comparação que ele tece ao referir-se a isso é a sucata, que pode ser reciclada e reutilizada de mil maneiras alheias ao intuito inicial: assim também são as ações. Desta forma, Certeau esquematiza sua teoria em dois conceitos chave, a saber: *táticas* e *estratégias*. O autor chama de *estratégia* “*o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado*”. (CERTEAU, 1994: 99). O requisito para o empreendimento das estratégias é a posse de um “*próprio*”, que é “*uma vitória do lugar sobre o tempo*”, é a posse de um espaço físico ou simbólico que legitima as estratégias dos grupos nele estabelecidos. Trata-se da utilização de um “*poder do saber*” para transformar as incertezas da história em espaços legíveis, passíveis de se fazerem previsões e cálculos prévios. Assim, “*o poder é uma preliminar do saber*”, que se produz através dessa relação.

Já as *táticas* são ações calculadas que são determinadas pela ausência de um *próprio*, ou seja, de um território. Justamente por isso, as táticas só existem em função do outro, jogam com o terreno que lhe é imposto pelas estratégias, não tendo forças para manter a si mesmas ou um projeto global. Operam golpe por golpe, aproveitando as ocasiões, baseando-se unicamente nos azares do tempo, suas principais formas de ação são as astúcias. As *táticas* são as artes dos fracos, uma vez que quanto menor o poder maiores são as possibilidades que o indivíduo terá para articular ações astutas.

A relação entre as *táticas* e as *estratégias* é baseada nas relações entre os sujeitos portadores de poder e os despossuídos, mas ainda assim, atuantes. Os primeiros são pautados pelos espaços a serem dominados, os segundos, pelas argúcias no tempo. O autor comenta que as *táticas* saem das órbitas formuladas ou de qualquer padrão estatístico predefinido de análise, isso serve como uma defesa de seus usuários contra as previsões

CARA OU COROA? Um jogo entre a teoria das ações de Certeau e a das masculinidades de Connell
- por Fernando Bagiotto Botton

dos estrategistas, além disso, esse argumento serve como defesa à própria teoria de Certeau justamente por mostrar-se maleável ao imprevisível e plástica a qualquer pretensão estruturalista de antever as consolidações prévias.

A articulação *táticas-estratégias* demonstra duas dimensões de usos das ações em um “*jogo*” que se estabelece entre duas partes ativas: busca conhecer não só as estratégias das ações desenvolvidas pelo grupo que atribui a função inicial das ações, mas também busca elucidar a apropriação ou as maneiras de utilizar dos grupos que recebem a incidência das ações. Isso dá nova dimensão para análises acerca de práticas, pois as ações clandestinas subvertem o plano estratégico dos mais fortes, que são baseados num poder legitimador. Nas palavras de Certeau “*Os conhecimentos e as simbólicas impostos são o objeto de manipulação pelos praticantes que não seus fabricantes*” (CERTEAU, 1994, 95), nota-se que o autor transfere o valor decisivo das ações para os sujeitos que se utilizam delas, e não aos formuladores, uma vez que os sujeitos tem uma margem, ainda que reduzida, para se opor ou fazer outra utilização das estratégias sem necessariamente questionar diretamente a legitimidade delas. Compreendido esse breve exposto acerca da teoria de Certeau, passemos para o outro lado da moeda: a teoria das masculinidades de Connell.

Coroa: Connell e a teoria das masculinidades

O estudo das masculinidades faz uma análise de gênero e enfoca o homem e o masculino nessa análise. Qual a utilidade social de estudar o masculino que é muitas vezes considerado dominante nas relações de gênero? Inúmeras, a primeira é justamente questionar se o masculino é realmente o um pólo dominante em uma relação de gênero; a segunda é questionar se todo indivíduo que se diz do sexo masculino é dominante; a terceira e talvez mais importante é justamente por em questão uma posição social considerada como “natural”, como se todos os homens o são como são ou como deveriam ser por nascimento (talvez por um “*passe de mágica*”) portadores de um *ethos*¹ masculino. A perspectiva dos estudos acerca das masculinidades problematiza a construção do “ser masculino”: a historicidade, artificialidade e multiplicidade das concepções de masculinidade.

¹ A palavra *ethos* é aqui utilizada na acepção que Roland Barthes lhe propôs: “*os traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importando sua sinceridade) para causar boa impressão: é o seu jeito [...]. O orador enuncia uma informação e ao mesmo tempo diz: sou isto, não sou aquilo*” (BARTHES *apud* AMOSSY, 2002: 02).

CARA OU COROA? Um jogo entre a teoria das ações de Certeau e a das masculinidades de Connell
- por Fernando Bagiotto Botton

Talvez as maiores contribuições aos estudos de masculinidades do século XX sejam provenientes dos “*men studies*”. Trata-se de um grupo de pesquisadores anglo-saxões que desde o início da década de 80 vem se debruçando nos estudos acerca dos homens e das masculinidades. Dessa linha podemos destacar o nome do australiano Robert Connell. Esse autor forneceu as bases para os estudos historiográficos da masculinidade ao defini-la enquanto “*uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero*” (CONNELL, 1995: 188). Podemos compreender melhor a conceituação de Connell ao perceber que quando se refere a “*configurações práticas*” fala de ações reais, e não do que é esperado, imaginado ou estipulado por teorias ou normatizações. Quando se refere à “*prática*” comenta que a ação formadora da masculinidade tem uma racionalidade proposital e um objetivo histórico definido. Ao comentar sobre a “*posição dos homens*” trata das relações sociais, mas também corporais, não excluindo a carga simbólica e física da corporalidade dos homens na formação da masculinidade. E, finalmente, ao se referir às “*relações de gênero*” utiliza a palavra “gênero” em sentido amplo, compreendendo economia, estado, família, sexualidade, política, nação, sendo o gênero “*sempre uma estrutura contraditória*” (CONNELL, 1995: 189). Através dessa conceituação o autor chega à conclusão de que não podemos falar em somente uma, mas em diversas masculinidades social-historicamente construídas, sendo uma delas a portadora de um status de “*hegemonia*” e as demais masculinidades enquanto “*periféricas*”, sendo concorrentes ou afirmadoras daquela.

Nesse contexto Connell cria seu conceito mais popular e utilizado dentre os pesquisadores das masculinidades, o conceito de “*masculinidade hegemônica*”: o estilo de masculinidade que é socialmente aceito, sancionado, recomendado e normatizado. Esse conceito de *hegemonia* é visivelmente baseado nas análises de classe gramscianas, especialmente quando o autor comenta que a hegemonia é a luta por uma posição hegemônica, de poder, uma vez alcançada, haveria a manutenção de uma constante tensão com outros grupos para sua manutenção (GRAMSCI, 1978a). Essa confluência com a teoria da hegemonia de Gramsci pode ser encontrada nas próprias palavras de Connell:

La masculinidad hegemónica se puede definir como la configuración de práctica genérica que encarna la respuesta corrientemente aceptada al problema de legitimidad del patriarcado, la que garantiza (o se toma para garantizar) la posición dominante de los hombres y la subordinación de las mujeres (CONNELL, 1998: 12).

CARA OU COROA? Um jogo entre a teoria das ações de Certeau e a das masculinidades de Connell
- por Fernando Bagiotto Botton

Nesse sentido o autor revela seus objetivos em perceber a dominação e exploração da masculinidade hegemônica frente aos outros tipos de masculinidades e frente à feminilidade. A posição política e intelectual de Connell é demonstrada nas passagens em que cita as inúmeras “*vantagens materiais*” recebidas pela masculinidade hegemônica no que chama de “*dividendo patriarcal*”, que são o controle generificado das riquezas e dos meios de violência. Nesse sentido, Connell concorda com Bourdieu e sua tese da “*Dominação Masculina*” (1997) que aponta para a vantagem masculina tanto na força física, quanto na força simbólica. Segundo Bourdieu, dentro do processo histórico humano² se instituíram e reproduziram determinadas relações de violência simbólica, compartilhadas consciente ou inconscientemente entre dominantes e dominados (1997). Nesse aspecto, as relações entre gêneros são por ele compreendidas através do conceito de “*trocas simbólicas*” onde a mulher passa a ser – dentro das relações sociais – objeto de troca, determinado pelo interesse dos homens, reproduzindo o capital simbólico destes homens e sua dominação masculina.

No interior dessa argumentação da “*Dominação Masculina*”, tanto Connell quanto Bourdieu tendem, de certa forma, para uma análise estruturalista das masculinidades – entendendo aqui “*estruturalismo*” enquanto o ímpeto de “*identificar e analisar as “estruturas profundas”, que estão na base [social] e que geram os fenômenos observáveis*” (BOTTOMORE, 1996). Assim, a(s) masculinidade(s) ao serem compreendida(s) enquanto um fenômeno de dominação social acaba(m) se tornando uma *doxa*, onde se naturalizam concepções e crenças que são ou que foram socialmente construídas. Nesse sentido, tanto Bourdieu quanto Connell apontam para uma dominação estrutural da masculinidade, socialmente enraizada na sociedade e na cultura ocidental.

Posta a posição de Connell, passemos então a analisar as repercussões teóricas dessas posições adotadas pelo autor. Percebemos que Connell irá defender a posição feminista de lutar por seus direitos e por sua parte do “*dividendo social*”, para o autor, devemos adotar uma atitude feminista ao estudarmos a masculinidade, dada a dominação masculina. Outra repercussão de sua teoria – essa a que considero mais central para nossa análise – é que a dominação masculina é tão intensa e enraizada que as outras formas de masculinidades aparecem em sua teoria enquanto passivas, pouco capazes de formular uma reação à dominação masculina, à exceção da mobilização, da conscientização e da luta política declarada à estrutura de gênero.

² Especialmente na sociedade dos berberes da Cabília, estudada pelo autor.

CARA OU COROA? Um jogo entre a teoria das ações de Certeau e a das masculinidades de Connell
- por Fernando Bagiotto Botton

Acerca da questão da autoria da ação ou da relação atividade-passividade da “*dominação masculina*”, decidimos utilizar o conceito de “*poder simbólico*” bem como formulado pelo próprio Bourdieu (2007), sendo um sistema de referências teóricas que se definiram consciente ou inconscientemente. O termo se torna melhor aplicado quando o autor comenta que o poder simbólico é *invisível*, o qual só pode ser exercido com cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo o exercem. Isso possibilitaria pensarmos na masculinidade dita “*hegemônica*”, enquanto possuidora de um poder e de um local simbólico institucionalizado que podem ser “*invisíveis*” tanto aos indivíduos que são sujeitos como os que são sujeitados.

Tentaremos perceber que, em primeiro momento, há uma visível oposição entre a teoria de Certeau e a de Connell caso queiramos aproximá-los às discussões acerca das masculinidades.

Cara! Coroa!

O exercício proposto é que tentemos, por um instante, jogar a moeda para o alto, suspendê-la de qualquer suporte para fazê-la girar no ar de forma que o seu movimento nos dê a ilusão de ótica que tanto a figura da “cara” quanto a figura da “coroa” estão sobrepostas em uma mesma imagem, na mesma moeda.

Tentemos observar a masculinidade considerada “*hegemônica*” por Connell enquanto portadora das “*estratégias*” de Certeau. Parece-me possível essa aproximação, dado que de acordo com Bourdieu a masculinidade considerada socialmente sancionada possui seu lugar institucional, seu *próprio*, justamente nos espaços simbólicos que dão a possibilidade – aos homens que estão no interior positivado do esquadramento normativo da masculinidade – de formularem (consciente ou inconscientemente) suas estratégias. O que pensamos é que esse poder estratégico não se dá necessariamente pela dominação estruturalmente estabelecida, mas pela sedução³ conferida pelos discursos generificados e pelas vivências cotidianas. O poder da sedução possui rebuscamentos interessantíssimos, pois assim como as *táticas* de Certeau, o poder da sedução também subverte com as estruturas de poder sociais, inclusive e especialmente as estruturas de gênero.

O feminino não é somente sedução, é também desafio ao masculino de ser o sexo, de assumir o monopólio do sexo e do gozo, desafio de ir até o fim de sua

³ Sobre o poder da sedução, ver Baudrillard (1991) e Bataille (2004).

CARA OU COROA? Um jogo entre a teoria das ações de Certeau e a das masculinidades de Connell
- por Fernando Bagiotto Botton

hegemonia e de exercê-la até a morte. É sob a pressão desse desafio, incessante ao longo de toda a história sexual da nossa cultura, que a falocracia hoje se esboroa, à falta de poder restabelecê-lo. É possível que toda a nossa concepção de sexualidade se esboce ao mesmo tempo, visto que foi erigida em torno da função fálica e da definição positiva do sexo. Toda a forma “positiva” acomoda-se muito bem a sua forma “negativa” mas conhece o desafio mortal da forma “reversível”. Toda a estrutura acomoda-se à inversão ou à subversão mas não à reversão de seus termos. Essa forma reversível é a sedução. (BAUDRILLARD, 1991, p. 28)

É evidente que o filósofo nessa citação atribui o poder da sedução ao pólo feminino de uma pretensa dissociabilidade de gêneros para depois argumentar acerca da subversão dessa “estrutura”. Tendemos aqui a observar o poder da sedução enquanto um poder ambíguo e muitas vezes contraditório, permitindo que também os homens se utilizem das táticas de sedução, ao mesmo tempo em que estão revertendo e subvertendo as estruturas generificadas no ímpeto (consciente ou inconsciente) de exercer a hegemonia até a morte, ou seja, a hegemonia masculina nessa leitura baudrillardiana é fadada ao suicídio, ao desvanecimento.

Ainda assim, devemos evitar uma teoria que se funde na diferenciação generificada ou sexualizada para aprofundar a crítica ao perceber que as estratégias utilizadas (conscientemente ou não) pela masculinidade que Connell considera “*hegemônica*” baseiam-se muito mais na ordem do discurso do que nas determinações estruturais de uma sociedade. E o discurso deve ser aqui entendido enquanto um precursor/inventor do gênero e do próprio sexo (BUTLER, 1993). Os discursos utilizados e ao mesmo tempo introjetados pelas masculinidades, de certa forma, são panfletários também da sedução, seja ela considerada de cunho feminino-reversível ou masculino-sancionado. Dessa forma, a crítica de Butler e da “*Queer Theory*” é pertinente, pois não devemos pensar mais em pólos opostos feminino/masculino da mesma forma que dificilmente trabalharemos com pólos opostos de dominação/subordinação dado que são acusados de normativos e normatizadores. As oposições binárias são recusadas pela crítica de Butler (1993), baseada no desconstrucionismo de Jaques Derrida, que literalmente implode boa parte do projeto racionalista ocidental das filosofias modernas, especialmente a dialética hegeliana, base para o pensamento fundado nos pólos de oposição. Sublinhada a discursividade do sexo, devemos fazer algumas ressalvas advindas da teoria de Certeau, dado que o autor propõe a análise das práticas individuais, as ações e reações dos indivíduos frente aos discursos. Por isso, percebemos que nessa trama teórica o discurso não pode ser considerado afastado da ação, ou seja, a forma também é conteúdo.

CARA OU COROA? Um jogo entre a teoria das ações de Certeau e a das masculinidades de Connell
- por Fernando Bagiotto Botton

Mas Certeau ainda pode trazer algumas contribuições a mais para os estudos de masculinidades. As *táticas*, como já comentadas, referem-se muito mais às (re)ações dos sujeitos, são elas que permitem tornar uma análise mais complexa do ponto de vista da ação justamente por não conceber os indivíduos como simples sujeitos passivos às estruturas sociais, isso porque em Certeau, assim como para Butler (1993), as categorias de “atividade” e “passividade” também são subvertidas ou até inexistentes dado que em ações práticas sempre há um pouco de passividade na atividade e vice versa. As *táticas*, em nossa interpretação, podem ser empregadas também pelos homens que não fazem parte da “*masculinidade hegemônica*”. A reverberação dessa interpretação é de que os homens que compõem as categorias connellianas de *subordinação*, de *marginalização* e de *cumplicidade* são também sujeitos que possuem poderes de barganha no meio da trama social. Isso, de certa forma, já subverte com a teoria da dominação masculina, pois cada ato realizado, seja por um estrategista, seja por um tático, possui uma carga de poder que pode determinar as ações do outro e de toda a cadeia de poderes.

Devemos ponderar que Connell ao defender a tese da “*dominação masculina*” está preocupado em propor ações afirmativas de resistência ao poderio da masculinidade que inquestionavelmente é presente na sociedade. Os esforços de Connell nesse sentido são uteis e têm fins muito nobres, especialmente quando propõe uma saída andrógena para as questões de gênero. Porém, não podemos deixar de lado que não somente as ações políticas estritas são de importância no jogo de ações, pois são justamente os atos cotidianos mais simples e mais ordinários que desempenham o contrapeso às táticas advindas de uma suposta hegemonia, que luta constantemente para se manter nessa posição, muitas vezes até esquecendo-se do próprio significado da palavra “hegemonia”. Dessa forma, percebemos que devemos complexificar o curso das proposições de alternativas para a dita “*masculinidade hegemônica*” e as ditas “*masculinidades subordinadas*”, até hoje centrados na esfera da política e da economia, das grandes “estruturas sociais”, da organização em sindicatos e movimentos. Não estamos negando a importância e a pertinência desses movimentos e dessas estruturas, porém, devemos abranger em uma teoria das masculinidades também as ações diárias e cotidianas de resistência à “*dominação dos hegemônicos*”. Essa alternativa faz-nos lembrar dos argumentos de Hardt e Negri (2006) ao comentarem que não temos como atacar um império definido enquanto centro de poder dado que atualmente não existem centros de poder. Entendemos que o poder é *microfísico* (FOUCAULT, 2005), multifacetado, *rizomático* (DELEUZE & GUATTARI, 2004) e se expande por uma rede ampla, que só pode ser

CARA OU COROA? Um jogo entre a teoria das ações de Certeau e a das masculinidades de Connell
- por Fernando Bagiotto Botton

atacada de nó em nó, por pequenas atitudes e ações que por mais ínfimas que possam parecer, abalam aos poucos toda a rede. Portanto, as atividades e ações cotidianas são imperativamente significantes em qualquer relação de poder, especialmente nas relações de gênero, nisso se concentra a maior contribuição de Certeau à teoria das masculinidades. Passemos então a perceber algumas nuances entre as duas teorias aqui comentadas.

Cara ou coroa?

A alegoria com o jogo de moeda possui a sutileza de mostrar-nos exatamente o que está em questão na nossa discussão. Seguremos a moeda na mão e observemos com cuidado as duas faces. A face “cara” realmente se refere a um rosto modelado no metal fundido, é um rosto masculino com imposição de seriedade e obstinação, é uma pessoa, um agente. Viremos a moeda e observemos a face “coroa”, geralmente possui uma coroa de louros, as vezes há uma coroa real desenhada na fundição, observemos os detalhes da coroa e percebamos que trata-se da estilização de uma estrutura rígida, pesada, e percebamos ainda que não há nenhum homem ou mulher carregando-a, somente há a estrutura.

Exatamente como a moeda, percebamos a interação entre as teorias debatidas no presente artigo. Trata-se justamente da querela entre os que se posicionam próximos ou de acordo com a teoria estruturalista e as teorias que a criticam, especialmente os considerados pós-estruturalistas. De um lado da moeda a estrutura, do outro os indivíduos.

A corrente estruturalista se concentra nas estruturas profundas e estáveis, de longa duração, que transpassam a sociedade como um todo, de forma a influenciarem as permanências e continuidades, intocadas e intocáveis pelas ações individuais ou cotidianas. Nesse sentido podemos localizar Connell e também Bourdieu quando argumentam que a masculinidade – especialmente a hegemônica – é fator de dominação, retomando o conceito de masculinidade para Connell: é “*uma configuração de prática em torno da posição dos homens na **estrutura** das relações de gênero*” (1995, 188) [Grifo meu]. Aqui as relações de gênero são entendidas enquanto “*estruturas*”, que são sólidas, estáveis e regularmente presentes no *corpus* social. Percebemos que a própria utilização de Connell dos conceitos gramscianos pode defini-lo como um intérprete estruturalista da sociedade.

Na contramão, o pós-estruturalismo de cunho derridariano é tecido na discursividade da linguagem e – baseado na crítica nietzscheana à verdade – propõe a impossibilidade de chegarmos a um conhecimento das estruturas amplas da sociedade. Nesse sentido,

CARA OU COROA? Um jogo entre a teoria das ações de Certeau e a das masculinidades de Connell
- por Fernando Bagiotto Botton

Certeau pode ser considerado como portador de posições pós-estruturalistas justamente pelo desapego a qualquer possibilidade de uma interpretação da sociedade através das “*estruturas*”. Para Certeau, o sujeito (re)inventa o cotidiano graças às “*artes de fazer*”, logo, a própria realidade é moldada e modificada pelas ações cotidianas, e não pelos padrões estáticos. Concordamos que nesse sentido atribuído Certeau adota posturas “pós-estruturalistas”, mas devemos ter cuidado com o hábito de classificar os teóricos em “caixinhas epistemológicas”, pois o autor, como bom jesuíta, não estava interessado em um projeto desconstrucionista a moldes derridarianos, entendemos que sua oposição ao estruturalismo se deve principalmente pela crítica dos estruturalistas ao humanismo e o desinteresse deles às ações individuais em prol da estrutura. Nesse intuito podemos considerar Certeau antes como um humanista do que um desconstrucionista.

Independentemente da filiação teórica do autor, a interpretação que propomos em nosso artigo, a nosso ver, traz para o campo das masculinidades a demanda por um refinamento teórico e com isso não estamos negando as infinitas contribuições da teoria conneliana das masculinidades, pelo contrário, procuramos ampliar sua aplicação para além da própria formulação original. Ao colocarmos lado a lado a teoria aqui considerada “*estruturalista*” de Connell, com as posições “pós-estruturalistas” de Butler e – nesse sentido – de Certeau, percebemos que os estudos de masculinidades podem, e devem, se pautar também nas ações cotidianas, pois é justamente através delas que os homens significam e re-significam sua existência generificada. Butler deixa claro como os próprios recursos conceituais de “sexo” e “natureza” (âncoras das atribuições de gênero) são estratégias discursivas que se constroem e se auto-reproduzem cotidianamente (1993), portanto, é justamente no cotidiano e nas ações que os homens constroem e mantêm suas masculinidades, sendo que as relações subjetivas e identitárias masculinas estão ancoradas em massas lingüísticas recheadas de relatividades e instabilidades.

Por fim, propomos como alternativa a utilização de um conceito menos carregado de atributos estruturantes. Ao invés de utilizar o conceito de “*masculinidade hegemônica*” de Connell, operamos com o conceito de “*masculinidades referencialmente centralizadas*”. A consequência teórica dessa escolha é que não consideramos a existência de somente uma masculinidade hegemônica, havendo a possibilidade da existência de várias masculinidades socialmente aceitas, sendo que muitas delas ocupam uma posição de centralidade nos discursos e nas práticas de determinada sociedade, porém, a palavra “*referencialmente*” dá um sentido novo à proposição, pois assim como define Derrida, não existe um centro definido estático e único:

CARA OU COROA? Um jogo entre a teoria das ações de Certeau e a das masculinidades de Connell
- por Fernando Bagiotto Botton

[...] toda a história do conceito de estrutura [...] tem de ser pensada como uma série de substituições de centro para centro, um encadeamento de determinações do centro. O centro recebe, sucessiva e regularmente, formas ou nomes diferentes. A história da metafísica, como a história do Ocidente, seria a história dessas metáforas e dessas metonímias (DERRIDA, 1995: 231).

Com a ausência do centro absoluto, o único modo de nos referirmos a algum tipo de centro é através do plural e da relação com algum referencial. Dando um exemplo prático da aplicabilidade da teoria proposta: um homem considerado culto, delicado, respeitoso e inteligente é portador de uma masculinidade referencialmente centralizada, por exemplo, em um ambiente acadêmico, porém, o mesmo homem em um ambiente de virilidade como um estádio de futebol, com certeza será portador de um status de masculinidade referencialmente descentralizada, provavelmente será chamado por apelidos depreciativos advindos de uma perspectiva de masculinidade virilizada que não lhe pertence. Portanto, essa contribuição teórica se mostra útil justamente por perceber as masculinidades enquanto complexas, múltiplas e portadoras de atribuições variáveis de acordo com o ambiente, a cultura, a região, o meio social, religioso, econômico ou histórico. Essa reflexão é demandada graças à ruptura pós-moderna da noção de identidade única e estável para a defesa da existência de identidades múltiplas e transitórias, como a própria epígrafe cita: “*Há tantos sonhos a sonhar, há tantas vidas a viver*”. Nessa concepção os homens têm a possibilidade de serem compreendidos como agentes de suas ações, e essa ação ocorre de acordo com a complexidade e a multiplicidade de suas próprias identidades justamente pelo fato de que a teoria proposta permite que as masculinidades não sejam entendidas enquanto uma carcaça sólida e orgânica que é carregada pelos homens até sua morte, pelo contrário, ressaltamos que as “*masculinidades relativamente centralizadas*” são transitórias e não estão, necessariamente, legadas a uma concepção de dominação ou de hegemonia.

Por fim, observemos que nossa análise embora flerte com a vertente lingüística butleriana (que considera tanto os gêneros quanto os sexos sob uma perspectiva de *performatividade* enquanto “*reiteração de uma norma ou conjunto de normas. [...] Um ato performativo é aquela prática discursiva que efetua ou produz aquilo que nomeia*” (BUTLER, 1999 , p.12)) e a crítica derridariana do *desconstrucionismo* (onde todo conteúdo lógico e metafísico ocidental é posto em cheque pelo argumento do *logocentrismo* (DERRIDA, 1973)) não abre mão da tentativa de ser testada empiricamente na interpretação histórica das masculinidades.

CARA OU COROA? Um jogo entre a teoria das ações de Certeau e a das masculinidades de Connell
- por Fernando Bagiotto Botton

Acreditamos na possibilidade e na fertilidade da utilização da teoria e terminologia proposta no presente artigo graças ao diálogo entre a multiplicidade das masculinidades como propostas por Connell e da teoria das ações cotidianas proposta por Certeau. Afinal de contas, acabamos jogando com várias moedas com caras e coroas diversas: o masculino e o feminino; o masculino e o masculino; as táticas e as estratégias, o estruturalismo e o pós-estruturalismo. A solução para essas tensões não pode e nem deve se encontrar em uma relação dialética ou em alguma *práxis* estruturalmente direcionada, mas pode ser refletida através da dúvida: embora existam tantos lados de tantas moedas, ainda assim não se tratam das mesmas moedas?

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE Jr. Durval Muniz de. *Nos destinos de fronteiras*. Fortaleza: Editora Bagaço, 2009.

AMOSSY, Ruth. *Da noção retórica de ethos à análise do discurso*. Retirado de http://docs.google.com/gview?a=v&q=cache:MTyNdrkU_z0J:www.ufmg.br/online/arquivos/nexos/Livro_trecho.pdf Acessado em: 27/08/2009

ARAUJO, Patrícia Cristina de Aragão. *A Cultura dos Cordéis: território(s) de tessitura de saberes*. UFPB. Retirado de: http://www.ce.ufpb.br/ppge/index.php?option=com_content&task=view&id=201&Itemid=57 Acessado em 27/08/2009

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. São Paulo: Arx, 2004.

BAUDRILLARD, Jean. *Da sedução*. Campinas: Papirus, 1991.

_____. *Cool Memories (1980-1985)*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1992.

BOTTOMORE, Tom. "Estruturalismo". In: OUTHWAITE, William; et. ali.. *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. *Poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2007

_____. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1997

BUTLER, Judith. *Bodies that matter: On the discursive limits of "sex"*. New York & London: Routledge, 1993.

_____. *Corpos que pesam*. IN: LOURO, G. L. (org.) *O corpo educado. Pedagogias da Sexualidade*, Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

CARA OU COROA? Um jogo entre a teoria das ações de Certeau e a das masculinidades de Connell
- por Fernando Bagiotto Botton

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer Vol.1*. São Paulo: Ed. Vozes, 1994.

_____. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CONNELL, Robert. *Políticas da Masculinidade*. In: Educação e Realidade. Porto Alegre, Vol. 20(2), 1995.

_____. *Masculinidades*. México: Ed.UNAM, 2003.

_____. "La Organización Social de la Masculinidad". In: VALDÉS, Teresa y OLAVARRÍA, José (eds). *Masculidad/es: Poder e Crisis*. Santiago, Chile: Ediciones de las mujeres, N° 24, 1997.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Vol. I. São Paulo: Ed. 34. 2004.

DERRIDA, Jacques. A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas. In: *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978ª.

PETERS, Michael. *Pós-estruturalismo e Filosofia da Diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

Recebido em: 11/09/2009

Aprovado em: 30/10/2009